



## DINA SALÚSTIO E PAULINA CHIZIANE: DUAS VOZES FEMININAS AFRICANAS NA SALA DE AULA

Izabel Cristina Oliveira Martins

*Universidade Estadual da Paraíba - cristinaicom@hotmail.com*

**Resumo:** Seguindo o modelo tradicional do ensino de literatura implementado na escola básica, é comum muitos jovens concluírem o Ensino Médio sem quase terem entrado em contato com textos de autoria feminina. Na maioria das vezes, o conhecimento literário deles se resume à citação de nomes de escritores homens, já pertencentes ao cânone. O desconhecimento da existência dessas autoras, em grande parte, se deve ao próprio livro didático. Quando se trata, então, de obras e autoras africanas, a situação se torna ainda mais agravante já que o problema não se restringe ao aluno, estendendo-se à maioria dos professores. Partindo disso e com dois desejos: dar visibilidade à escrita de autoria feminina e divulgar a literatura africana de língua portuguesa, o artigo procura evidenciar dois nomes femininos do cenário literário africano lusófono: a cabo-verdiana Dina Salústio e a moçambicana Paulina Chiziane, procurando levantar questões para o trabalho em sala de aula por meio de seus textos, de modo a possibilitar discussões e reflexões principalmente sobre a mulher, a partir de dois contos: “Liberdade adiada”, do livro *Mornas eram as noites*, da própria Dina Salústio e “As cicatrizes do amor”, escrito por Paulina Chiziane, mas presente na coletânea *O conto moçambicano*, organizada por Maria Luísa Godinho e Lourenço do Rosário, vozes exponenciais da crítica literária moçambicana.

**Palavras-chave:** Literatura Africana, Autoria feminina, Cânone.

### I - Introdução

Trabalhar literatura na escola pública ainda é uma ação abstrata. Prioriza-se, indubitavelmente, a gramática nas aulas de Língua Portuguesa, ficando também à parte as aulas de produção escrita. As justificativas dadas para o ensino precário ou para a exclusão, em alguns casos, da literatura no planejamento são as mais diversas: tempo curto, a não apetência do aluno pela literatura, a não apetência e/ou não domínio do professor pela literatura e outras explicações não plausíveis que acabam por tornar o ensino do componente curricular em questão fragmentado e defeituoso.

De certo, seguindo esse modelo tradicional de ensino da literatura, é muito comum jovens concluírem o ensino médio sem quase terem estudado textos de autoria feminina. No mais das vezes, o que eles conhecem são nomes de escritores homens, já canonizados no cenário literário nacional – no entanto, convém ressaltar que identificar este ou aquele escritor não significa dizer que já tenha acontecido contato direto entre os alunos e alguma obra completa desses autores.



Quando se trata então de textos de autoras das literaturas afro-brasileira e africana<sup>1</sup> a situação se torna ainda mais problemática visto que o desconhecimento não se encontra limitado aos alunos, estendendo-se aos docentes, na maioria das vezes. Nesse último caso, há de se considerar duas fraturas: o governo cria a lei, tornando obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira e africana nas escolas de educação básica, mas não prepara o professor e nem disponibiliza material necessário, principalmente no que diz respeito à temática africana; o professor, por sua vez, sentindo-se “desacobertado” pelo governo, acomoda-se, perpetuando assim seu desconhecimento. Em todo caso, o resultado dessas (in) ações contribui para a prevalência do ensino da literatura canônica, para o apagamento das minorias e para o embranquecimento da literatura nestas instituições.

A polêmica do desconhecimento e apagamento de nomes de escritoras não para por aí. Examinados livros didáticos – *Português: contexto, interlocução e sentido*; *Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto*; e *Português, literatura, gramática, produção de texto* – aprovados pelo MEC e destinados a alunos da terceira série do ensino médio, verifica-se a quase completa ausência de escritoras africanas, principalmente nos capítulos ou sessões especiais dedicados às literaturas africanas de língua portuguesa. Eventualmente, a angolana Alda Lara e as santomenses Conceição Lima e Alda do Espírito Santo comparecem num ou noutro livro. A situação não se diferencia quando se trata de antologias também distribuídas pelo MEC, por meio do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). O livro *Poesia Africana de Língua Portuguesa*, por exemplo, organizado por Maria Alexandre Dáskalos, Livia Apa e Arlindo Barbeitos, apresenta 79 nomes e desses apenas 10 são poetisas. O mais preocupante de tudo isso? É o fato de este material – especialmente os livros didáticos – ser ampliado e revisado constantemente pelas editoras sem que as mesmas deem conta de que através de seus livros se promove “a manutenção de nomes de escritores e texto perpetuados como clássicos, sem a menor discussão em torno de autoria feminina” (SILVA, 2010, p. 24).

Não se objetiva aqui atacar o cânone. O que se pretende é problematizar a situação e questionar a marginalização de tão significativas vozes, ao mesmo tempo em que se procura visibilizar e dizibilizar aqueles e aquelas que não se encontram no centro.

---

<sup>1</sup> Destacamos aqui as literaturas afro-brasileira e africana por serem obrigatórias no âmbito de todo o currículo escolar das escolas brasileiras públicas e particulares, desde o ano de 2010, por cumprimento da lei 10.639. Acrescente-se que a mesma lei torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena do Brasil.



Nesse sentido e com dois desejos: dar visibilidade à escrita de autoria feminina e divulgar a literatura africana de língua portuguesa, o artigo procura evidenciar dois nomes femininos do cenário literário africano lusófono: a cabo-verdiana Dina Salústio e a moçambicana Paulina Chiziane, procurando levantar questões para o trabalho em sala de aula por meio de seus textos, de modo a possibilitar discussões e reflexões principalmente sobre a mulher, a partir de dois contos: “Liberdade adiada”, do livro *Mornas eram as noites*, da própria Dina Salústio e “As cicatrizes do amor”, escrito por Paulina Chiziane, mas presente na coletânea *O conto moçambicano*, organizada por Maria Luísa Godinho e Lourenço do Rosário, vozes exponenciais da crítica literária moçambicana.

A proposta trazida não muda de imediato a questão do cânone literário, mas concordando com Bonnici (2011), é consciente de que o cânone jamais será superado ou subvertido se outras leituras não estiverem à disposição dos leitores através dos docentes.

## II - Dina Salústio

Dina Salústio (Bernardina de Oliveira Salústio) nasceu em Santo Antão, Cabo Verde. Ao lado de Orlanda Amarílis, Maria Margarida Mascarenhas, Ivone Aida Fernandes e Fátima Bettencourt, é um nome de relevo da literatura feminina cabo-verdiana. Escreve desde ensaios, poemas, contos, romances e literatura infantil. Seu primeiro romance *A louca do Serrano* publicado em 1998 é considerado o primeiro romance de autoria feminina de Cabo Verde. Já a sua coletânea de contos *Mornas eram as noites* foi trazida ao público quatro anos antes da publicação de *A louca do Serrano*, sendo composta por trinta e cinco narrativas, cujos enredos protagonizam a mulher cabo-verdiana. No entanto, destaque-se que pela força da palavra de Dina Salústio sua obra pode ser lida em qualquer época e em qualquer lugar, visto que a situação vivenciada por suas personagens femininas se assemelha à realidade de muitas mulheres não importando nacionalidade, etnia e *status*, razão pela qual pode ser levada para a sala de aula de modo a fomentar debates e reflexões acerca da mulher e de sua condição no espaço social em que se encontra inserida.

“Liberdade adiada”, por exemplo, primeiro conto de *Mornas eram as noites*, destaca uma mulher inominada que cansada de sua vida difícil pensa em cometer suicídio, mas tem sua ação interrompida quando se lembra dos filhos:

Sentia-se cansada. A barriga, as pernas, a cabeça, o corpo todo era um enorme peso que lhe caía irremediavelmente em cima. Esperava que a qualquer momento o coração lhe perfurasse o peito, lhe rasgasse a blusa.

[...]

Aos vinte e três anos disseram-lhe que tinha o útero descaído. Bom seria que caísse de vez! Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava



para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente.

Não. Não voltaria para casa.

[...]

Atirar-se-ia pelo barranco abaixo. Não perdia nada. Aliás nunca perdeu nada. Nunca teve nada para perder.

Disseram-lhe que tinha perdido a virgindade, mas nunca chegou a saber o que aquilo era.

À borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito.

[...]

Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás (SALÚSTIO, 2002, p. 05-06).

A própria inominação da personagem possibilita o primeiro debate em sala de aula. Questionar o que os alunos acham sobre o fato de a personagem não ser nomeada na narrativa convida-os a refletir sobre questões identitárias e sobre os processos de exclusão e inclusão social. Ademais, refletindo sobre o uso do recurso da generalização da personagem, o aluno será capaz de concluir que a protagonista da narrativa pode ser identificada com qualquer mulher que teve sua liberdade adiada, como também com qualquer criança, jovem, velho e homem “cerceados em seus mais profundos sonhos” (SALGADO, 2008, p. 38-39).

Trata-se de uma narrativa que se aproxima em grande escala da realidade do público do ensino médio da escola básica, tanto o masculino quanto o feminino, principalmente com a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Nesse último caso, o texto atinge uma carga simbólica mais intensa pelo fato de muitas alunas terem suas vidas mudadas radicalmente de um momento para outro quando engravidam precocemente, tendo que na maioria das vezes adiar seus sonhos e liberdade para trabalhar e sustentar a nova família que se forma. Discussões como gravidez indesejada, planejamento familiar, liberdade feminina podem ser suscitadas de modo que se questione e se leve a refletir sobre as dificuldades e preconceitos vividos pela mulher na sociedade patriarcal. A partir disso, pode-se originar um debate sobre o avanço significativo dos movimentos feministas que tem, entre outros méritos, conquistado novos espaços sociais para a mulher. Reflexões desse tipo instigam o leitor-aluno a se conhecer melhor, a refletir sobre si, para poder compreender melhor a si mesmo e o Outro.

Além disso, o conto ainda provoca um trabalho com uma didática plurivalente, sem fragmentação do ensino da Língua Portuguesa. Quando insere, por exemplo, enunciações do tipo “O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro” (SALÚSTIO, 2002, p. 05), a narrativa instiga o professor a abordar questões sobre a estilística textual que podem ser estendidas sem muito esforço ao ensino da gramática e da escrita de textos. A própria narrativa dá sinais de que é possível o diálogo entre as áreas do componente curricular Língua Portuguesa e incentiva, pela temática abordada, a leitura da mesma autora e de outras

autoras das literaturas africanas.

### III – Paulina Chiziane

Primeira mulher moçambicana a escrever um romance, Paulina Chiziane é o nome feminino mais conhecido da literatura de seu país. Iniciou sua carreira literária em 1984 com a publicação de contos na imprensa de Moçambique. A partir de 1990, inicia a publicação de romances, sendo *Balada de amor ao vento* seu primeiro trabalho neste gênero. A este, seguiram-se: *Ventos do apocalipse* (1995), *O sétimo juramento* (2000), *Niketche: uma história de poligamia* (2002), *O alegre canto da perdiz* (2008), *Por que vibram os tambores do além* (2013), *Ngoma Yethu: O curandeiro e o Novo testamento* (2015). O conjunto de sua obra está ligado às suas raízes culturais e aborda temas costumeiramente silenciados pela sociedade.

Assim como a escritora Dina Salústio, Paulina Chiziane “denuncia com paixão as injustiças a que a mulher tem sido sujeita, ao mesmo tempo que reivindica os seus direitos” (MOMPLÉ, 1999, p. 32). Esse viés nas obras das autoras aqui estudadas, como também de grande parte das autoras africanas, promove na sala de aula um repensar sobre o papel da mulher e do homem na sociedade, criando um espaço para o diálogo, tendo em vista sempre a diferença de opiniões para a construção de sentido e obtenção de melhor entendimento das obras.

Em “As cicatrizes do amor”, narrativa presente na coletânea *O conto moçambicano* (1994), organizada por Maria Luísa Godinho e Lourenço do Rosário, Paulina Chiziane elabora ficcionalmente uma prática muito comum nas sociedades regidas pelo sistema patriarcal: a expulsão da jovem da casa paterna quando a mesma engravida antes do casamento. Daí a autora advertir, por meio do narrador em primeira pessoa: “Atenção! O que aqui se conta, está a acontecer agora!, em qualquer parte do mundo” (CHIZIANE, 1994, p. 129).

A própria temática do conto atrai a atenção por ser uma realidade conhecida de grande parte dos alunos, facilitando a verbalização de opiniões sobre o fato e propiciando momentos de socialização de experiências, pois há sempre quem já vivenciou ou conheceu alguém que tenha passado por essa situação. Da mesma maneira que no texto “Liberdade adiada”, questões inúmeras podem ser trabalhadas, no entanto categorias como sexualidade, transgressão, submissão, dominação de gênero e (in) dependência feminina devem ser consideradas.

No conto, quem passa por essa experiência traumática é Maria, mulher de meia-idade, dona de uma caserna, cujo “ambiente [é] confortável” e de “gente humilde, sincera, andrajosa e descalça” (CHIZIANE, 1994, p. 129). A narrativa começa com certa tranquilidade, até que alguém resolve



folhear um velho jornal com a notícia de abandono de duas crianças pelas mães. O assunto provoca polêmica entre os presentes que acreditam ser a culpa de tal ação única e exclusiva da mulher:

Veja isto, compadre. Duas crianças abandonadas pelas mães.

[...]

Alguém as deitou fora. As mulheres estão doidas.

[...] A culpa cabe às mães, mas é de toda a humanidade – sentenciou a mulher.

Não fuja da verdade comadre, que a culpa está com as mulheres. O que dizes é suruma da bebedeira, estás embriagada, sim.

[...] A voz de limão do homem duro era palha seca na fogueira tosca. (CHIZIANE, 1994, p.129)

Maria, por sua vez, discorda dos demais e revela que na juventude quase cometeu o mesmo erro. Daí por diante, a personagem assume a narrativa e conta suas desventuras após um relacionamento proibido por seus familiares e que resultou na sua expulsão de casa com a filha recém-nascida nos braços, tendo quase que abandoná-la por não poder mantê-la.

Lembro-me da noite sem lua, quando debaixo do cajueiro disse sim, ao homem dos meus sonhos. O régulo de Matutuíne, meu pai, disse não a esse, pobre, sem gado para lobolar a filha do rei. Ao meu homem ultrajado não restou outra alternativa senão procurar o lenitivo das mágoas do outro lado da fronteira, em Johannesburg [sic], deixando-me o ventre semeado. Nos nove meses de gesta, minha alma em suplício consumiu facadas. Quinze dias depois do nascimento da criança, o meu pai disse: fora desta casa.

[...]

Supliquei por clemência à humanidade; recorri à amizade. Em vão. A amizade abraça a riqueza que é beleza, e não tristeza que é leprosa. Amor verdadeiro só a terra dá, quando no fim da jornada ela diz: repousa nos meus braços por toda a eternidade. Amarrei a capulana bem firme; com o bebê bem seguro nas costas, jurei: os empecilhos que obstam a minha estrada serão removidos pela minha mão. Chegarei a Johannesburg, minha terra da promessa. Abandonei a casa no ritual dos galos cerrando as cortinas vesperais.

[...]

Do outro lado da fronteira, encontrei um desconhecido que me deu o conforto, repouso e dinheiro para prosseguir a marcha. Entrei num comboio. A criança enfraquecida deixou de chorar. O corpinho frágil incendiou-se num fogo úmido...

[...]

Abandonei o comboio. [...] Meus olhos inquietos procuravam uma lixeira, uma vala, uma corrente de água, esgotos, para desfazer-me do meu fardo. [...] De repente o coração pulso: uma moita cruzou o horizonte dos meus olhos. Será ali, será ali, o cemitério da minha filha, e à noite, batidos de corvos deliciar-se-ão com o corpo frágil do meu rebento, ai!...

Mergulhei na moita, paraíso ilícito. Os amantes também lá estavam, protegendo os abraços dos olhares indiscretos, e eu nem os vi, empenhada que estava na minha tarefa secreta. Adeus, fruto do prazer e dor; amor de fervor, adeus! Abandonava o lugar em passos de fuga; o casal que me espiava lançou gritos, alarmando os transeuntes que me rodearam. Uma velhota enxotou os curiosos levou-me à sua casa tratar da criança. (CHIZIANE, 1994, p.130-131)

Note-se que, por meio da decisão da protagonista em contar o seu passado secreto e sofrido, o conto direciona o leitor a refletir sobre o Outro e, principalmente, sobre os julgamentos que geralmente costuma-se fazer sobre o próximo sem ao menos se ter interesse em conhecer por completo a(s) razão (ões) que o leva (m) a realizar ações consideradas inconcebíveis, como é o caso



do abandono infantil. Pensar nisso, pode ajudar o aluno a se colocar no lugar do Outro, grande dificuldade no mundo moderno e que tem gerado “crises de alteridades”, para usar a expressão de Eric Landowski (2002). No contexto do conto, colocar-se no lugar da mulher quando abandonada, levando em consideração as inúmeras portas que se fecham depois da expulsão da casa paterna, pode favorecer a desconstrução da imagem da mulher culpada e pecadora atribuída ao feminino ao longo dos tempos e solidificada, principalmente, por meio de narrativas, como a bíblica, que rejeitam a responsabilidade do pecado ao homem, transferindo-a completamente a mulher. A questão da intertextualidade pode ser direcionada, considerando obviamente os diversos pontos de vista que surgem durante a discussão.

Outra atividade oral possível por meio da leitura do conto é a realização de um debate regrado onde os alunos podem expor suas opiniões sobre a temática principal. O trabalho, nesse caso, visará principalmente o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno de forma organizada e coerente, possibilitando-lhe momentos para posicionar-se, argumentando ou contra-argumentando sobre o assunto em questão. As discussões projetadas durante o debate podem ainda contribuir para a produção escrita de um texto dissertativo-argumentativo que pode ser compartilhado para os demais colegas de sala de aula.

Aproveitando a riqueza estilística utilizada por Chiziane no conto é possível conduzir o aluno a conhecer os recursos especiais de que se vale quem fala ou escreve durante a comunicação. A análise de enunciados – como: “A voz de limão do homem duro era palha seca na fogueira tosca”; “A mente recua na trajetória distante, mais veloz que a estrela cadente”; “O vulcão da recordação explodiu narrativas; as lavas caíram como soco nas gargantas abafando os acordes...”; ou ainda “Relato de manga verde com sal, arrepiante, excitante, cativando a atenção de todos aos olhos e ouvidos” – auxilia a melhor compreensão do conto, tornando o aluno mais sensível à beleza da linguagem e ao significado simbólico das palavras e das construções durante esta e outras prováveis leituras realizadas.

Além de possibilitar as abordagens já mencionadas, a trama de “As cicatrizes do amor” permite que o leitor-aluno conheça costumes e tradições cultivados pelos moçambicanos. Um deles, por exemplo, é a prática do lobolo: tradição em que a família da noiva recebe bens materiais (dinheiro, joias, roupas e acessórios) pela perda que representa o seu casamento e sua ida para outra casa. Geralmente, é a família da noiva quem informa o que quer receber do noivo no dia da cerimônia. É um símbolo cultural moçambicano cultivado até hoje e que tem mais valor para algumas famílias daquele lugar que o casamento civil. Pode-se abrir espaço nesse momento para



falar que esse tipo de tradição ocorre em outros países da África. Em Angola, por exemplo, com o nome de alembamento, essa tradição cultural ainda persiste, embora já esteja caindo em desuso por algumas famílias menos conservadoras de suas tradições. Trazendo a discussão para o nosso país, pode-se comentar sobre a antiga prática do “dote” que consistia na entrega de dinheiro ou outros bens da família da noiva à família do noivo. Exemplos vários da literatura brasileira sobre a prática do dote no Brasil podem ser levados para a sala de aula e em conjunto com outros professores e outras disciplinas – como História, Geografia e Arte – pode-se realizar um trabalho interdisciplinar sobre o assunto.

Outras discussões podem ser suscitadas a partir de “As cicatrizes do amor”. O olhar atento do professor e a consideração das opiniões do aluno certamente podem promover novos direcionamentos e abordagens. Fundamental, entretanto, é criar aberturas para outras leituras, recusando a intenção de domesticar o olhar do aluno e favorecendo a sua emancipação, de modo que o mesmo se reconheça capaz de atuar, não se limitando apenas ao consumo e ao aplauso do objeto artístico.

#### **IV – Conclusão**

É inegável que o atual ensino da literatura na escola básica e o próprio sistema literário precisam passar por um processo de ressignificação. Inquestionavelmente, há a necessidade de se lançar mão de uma “leitura contrapontual” (SAID, 1995) nas grades curriculares das escolas e das universidades, ou seja, é urgente a necessidade de criar a “possibilidade de diferentes leituras, oriundas do conceito de aceitação da multiplicidade, do questionamento das oposições binárias e da afirmação da alteridade radical” (BONNICI, 2011, p.124). Não se trata da rejeição das obras canônicas, conforme já foi ressaltado. Deseja-se simplesmente a recuperação das obras que foram suprimidas – sejam elas passadas ou contemporâneas – e a visibilização de autores e principalmente de autoras colocados à margem. É inconcebível que se continue com a transmissão da cultura ocidental em detrimento das culturas consideradas “diferentes”, como a africana ou a indígena, assim como também se torna inadmissível a construção de barreiras sociais, a exclusão de grupos sociais, étnicos e sexuais na literatura, no ensino da literatura, no material didático repassado para os discentes.

No caso das obras de autoria feminina dos países africanos de língua portuguesa, não funciona mais o argumento do baixo nível estético para a supressão de suas obras. Está claro, conforme assegura Bonnici (2011), que na realidade, tais autoras foram [e são] rechaçadas





precisamente por serem mulheres negras e oriundas de lugares considerados “exóticos”, confirmando-se que “o *ethos* patriarcal da instituição da crítica literária suprimia e marginalizava a escrita de autoria feminina” (BONNICI, 2011, p.114-115). As africanas Dina Salústio e Paulina Chiziane são exemplos de que há qualidade na produção escrita por mulheres. Por meio de seus textos aqui analisados, viu-se como é possível levantar questões para o trabalho em sala de aula, visto a profundidade dos enredos de seus contos. Além disso, confirmou-se que por meio dos contos destacados é possível trabalhar a literatura de forma integrada às outras áreas do componente curricular Língua Portuguesa, como também adotando a proposta do trabalho interdisciplinar. Mais do que necessária, é urgente a inclusão de autoras e de suas obras nas instituições de ensino. Só assim, segundo Bonnici (2011, p.125), se garantirá a quebra do círculo vicioso do cânone elitista e se democratizará leituras diferentes e subversivas dos parâmetros literários tradicionais.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M. [et al.]. **Português: contexto, interlocução e sentido** (vol. 3). São Paulo: Moderna, 2008.
- ARRUDA CAMPOS, Maria Tereza [et al.]. **Vozes do mundo: literatura, língua e produção de texto** (vol. 3). São Paulo: Saraiva, 2013.
- BONNICI, Thomas. O cânone literário e a crítica literária: o debate entre a exclusão e a inclusão. *In*: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto do. **Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura**. Maringá: Eduem, 2011.
- CHIZIANE, Paulina. As cicatrizes do amor. *In*: GODINHO, Maria Luísa; ROSÁRIO, Lourenço. **O conto moçambicano: Da oralidade à escrita**. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, 1994.
- DÁSKALOS, Maria Alexandre; APA, Lúvia; BARBEITOS, Arlindo. **Poesia africana de língua portuguesa** (Antologia). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- LANDOWSKI, Eric. Buscas de identidades, crises de alteridades. *In*: **Presenças do outro: ensaios de sociossemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MOMPLÉ, Lília. A mulher escritora e o cânone – aproximação e ruptura. *In*: MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. **A mulher escritora em África e na América Latina**. Évora: Editorial NUM, 1999.
- SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SALGADO, Maria Teresa. Noites nada mornas de Dina Salústio: a oportunidade do diálogo. *In*: **Abril** – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africanas da UFF, Vol. 01, n 01,



# VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Agosto de 2008.

SALÚSTIO, Dina. **Mornas eram as noites**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002.

SARMENTO, Leila Lauar ; TUFANO; Douglas. **Português, literatura, gramática, produção de texto** (vol. 3). São Paulo: Moderna, 2010.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)